

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO**

**Centro de Ciências Humanas – CCH**

**Curso de Licenciatura em Pedagogia**

**Disciplina Monografia 2**

**A EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA O ANARQUISTA BAKUNIN EM A *INSTRUÇÃO*  
*INTEGRAL***

**Por**

**Ana Luiza Medeiros Miranda**

Trabalho Monográfico apresentado a Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito parcial para conclusão da disciplina Monografia 2.

Orientadora: Profa. Dra. Nailda Marinho da Costa Bonato

Rio de Janeiro

Agosto/2013

Dedico esta monografia a meus pais, que são meus exemplos e me ensinaram desde pequena que objetivos são alcançados com empenho e sacrifício.

## **Agradecimentos**

A Deus, pois não posso negar sua influência em minha vida.

A meus pais (Manuel e Tania), irmã (Laura) e namorado (Thiago), que tiveram paciência, amor e me encorajaram em todos os momentos, o que foi crucial para que eu realizasse este feito.

A minha orientadora querida (Nailda Bonato), por ter me assistido e apoiado em cada momento.

Aos colegas e professores que me auxiliaram, ouvindo, avaliando minha escrita, emprestando textos e me incentivando a continuar.

## **RESUMO**

Este trabalho traz o encontro entre minha trajetória acadêmica e os escritos do revolucionário Mikhail Aleksandrovich Bakunin, e a descoberta da obra *A Instrução Integral*, que despertou o interesse por descobrir quais princípios norteariam a proposta educativa deste autor, que defendia um programa de educação integral e para todos. O estilo de escrita de Bakunin se afasta dos teóricos acadêmicos. Ele dedicou sua vida a uma articulação muito íntima entre militância e produção textual, na qual a última na realidade era parte da primeira. Não encontraremos em *A Instrução Integral* as soluções para os problemas da educação, mas certamente os pontos tratados por Bakunin nos servem de base para a reflexão dos problemas educacionais até a atualidade. Afirmando que é através da educação que se alcança a liberdade, ele nos direciona a uma educação que vai além do campo intelectual, pois, segundo ele, liberdade é o desenvolvimento integral das faculdades corporais, intelectuais e morais para cada um. A educação para este autor faz parte de um projeto revolucionário maior, voltado para a emancipação completa da classe trabalhadora.

**Palavras Chave:** Educação Integral, Instrução Integral, Liberdade, Emancipação, Revolução.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	5
1-ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA E O FOCO DE INVESTIGAÇÃO.....	7
2-MIKHAIL ALEKSANDROVICH BAKUNIN: VIDA, OBRA E REVOLUÇÃO .....	10
3-A INSTRUÇÃO INTEGRAL – ANÁLISE DA OBRA: .....	14
Seção I .....	15
Seção II .....	20
Seção III .....	24
Seção IV .....	28
4-EDUCAÇÃO E/OU INSTRUÇÃO? .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	36

## INTRODUÇÃO

A escolha por um tema relacionado ao anarquismo foi sendo construída ao longo dos anos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, onde iniciei a licenciatura em Pedagogia no primeiro semestre do ano de 2009. No primeiro período cursei as disciplinas História das Instituições Escolares, ministrada pela Profa. Dra. Nailda Marinho da Costa Bonato<sup>1</sup>, tendo contato com o livro *História da Educação e da Pedagogia – Geral e Brasil* (2006), de Maria Lucia Arruda Aranha. Por meio desta obra tive contato com as ideias anarquistas e, desde então se acendeu o interesse por tal grupo que desaconselhava o governo institucionalizado e acreditava na liberdade como princípio de organização social (ARANHA, 2006).

No segundo período do curso, na disciplina de Educação e Filosofia, ministrada pela Profa. Dra. Angela Maria de Souza Martins<sup>2</sup>, tive mais contato com teorias de esquerda em torno da educação. Ali passei novamente pelos escritos de Maria Lúcia Arruda Aranha, agora no livro *Filosofia da Educação* (1996), onde encontrei os marxistas Althusser, Baudelot e Establet, entre outros, criticando a lógica capitalista entranhada nas escolas do século XX<sup>3</sup>. Nesta experiência, não tive contato com autores anarquistas, mas, por meio das leituras citadas, mantive aceso o interesse pelos autores que iam de encontro ao ideário capitalista.

Nesta mesma época descobri o projeto de pesquisa da Profa. Angela, que investiga o percurso histórico das escolas anarquistas do Rio de Janeiro, pelo qual conheci mais sobre anarquismo e suas influências na educação<sup>4</sup>. Compareci poucas, porém ricas vezes, ao grupo de discussão, e ali tive acesso e estudei o texto “Pedagogia do Risco” de Silvio Gallo, propiciando primeiro encontro com as ideias de Bakunin acerca da Educação Integral.

Foi de igual importância a disciplina de Sociologia e Educação, ministrada pelo Prof. Dr. Diógenes Pinheiro<sup>5</sup>, na qual estudei o *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Marx e

---

<sup>1</sup> A Profa. Nailda Marinho da Costa Bonato, orientadora deste trabalho, é doutora em Educação na área de História e Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2003), atualmente coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira – NEPEB, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde também atua na Escola de Educação e no Programa de Pós-Graduação.

<sup>2</sup> A Profa. Angela Maria Souza Martins é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e aposentou-se em 2012, deixando a docência nos cursos de graduação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e encontra-se atualmente lecionando no Programa de Pós-Graduação em Educação, nesta mesma instituição.

<sup>3</sup> Mais especificamente no capítulo 20: “Teorias crítico-reprodutivistas”; itens 3 e 4. Ali a autora explana sobre Althusser, que baseado nas correntes estruturalistas e no marxismo, desenvolve o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, que, para ele, possuem a função de perpetuar a ideologia vigente e dentro os quais está a escola. Neste mesmo capítulo a autora explora os pensadores Baudelot e Establet, que, apropriando-se do conceito de AIT, ampliam o pensamento de Althusser expondo que, desde o princípio da escolarização esta já se apresenta dualista e segregatória, destinando os pobres ao trabalho manual, por meio de um ensino especializado e técnico, enquanto para os ricos reserva-se o trabalho intelectual, por meio da continuidade dos estudos no ensino superior.

<sup>4</sup> O Projeto de Pesquisa História das Escolas Anarquistas no Rio de Janeiro se iniciou em 2004, fazendo parte do NEPEB (UNIRIO), e é coordenado pela Profa. Dra. Angela Maria Souza Martins.

<sup>5</sup> O prof. Diógenes possui doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP, 1999) e atua como Professor Adjunto do Centro de Ciências Humanas e Sociais, atuando na Escola de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Engels, podendo aprofundar os conceitos de proletariado, divisão de classes e consolidar minha preferência aos estudos das correntes anarquistas, que se opunham a instauração da ditadura do proletariado (ARANHA, 2006, p. 270).

Estas três experiências contribuíram com igual importância para que tivesse as primeiras impressões sobre as concepções esquerdistas - de oposição ao estado e ao capitalismo, pela luta por uma sociedade livre e justa - e para que fizesse a opção pelos estudos anarquistas neste trabalho monográfico, com foco na obra de Mikhail Bakunin.

## **1-ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O MOVIMENTO ANARQUISTA E O FOCO DE INVESTIGAÇÃO**

Cabe-nos, neste primeiro momento, apresentar o surgimento do movimento anarquista e de que forma este dirigiu sua atenção ao campo da educação.

A pedagogia anarquista é fruto do movimento que leva o mesmo nome e se desenvolveu simultaneamente ao socialismo, no século XX. Aranha (2006) aponta que a principal dissidência entre estas duas perspectivas é a de que, para o socialismo, a instalação do comunismo dependia de um período de tomada do poder pelo proletariado, a ditadura do proletariado, a qual prepararia o terreno para esta nova ordem social, enquanto o Anarquismo rejeita qualquer tipo de governo institucionalizado, visto que a tendência do poder é, sempre, perpetuar-se. Para os teóricos anarquistas a base de construção de uma sociedade livre são os princípios da ajuda mútua - cooperação voluntária - da autogestão e da autodisciplina. A respeito da divergência entre estas correntes, Aranha (2006) afirma:

O anarquismo é um movimento que surgiu paralelamente ao socialismo de Marx e Engels, no século XX, mas que dele se distingue pela recusa do processo preconizado por aqueles pensadores, segundo os quais a instalação do comunismo deveria passar primeiro pela chamada ditadura do proletariado. Ao contrário, os teóricos anarquistas – entre eles Bakunin e Kropotkin – são contra o Estado, seja burguês, seja socialista, uma vez que a tendência do poder em toda instituição é perpetuar-se. (2006, p. 270)

Como exposto acima, as dissidências radicais (no sentido da raiz do pensamento) entre as correntes socialista e anarquista as tornam incompatíveis no que tange a execução de seus propósitos. Estamos falando novamente da exigência, para o socialismo, de uma fase ditatorial, necessária para a instauração do comunismo, e da recusa a este instrumento pelo anarquismo, seguindo o princípio da oposição a qualquer tipo de governo.

Por outro lado, tratando-se das convergências entre estas correntes, o anarquismo, assim como o socialismo, propõe instrução do proletariado para superação do capitalismo. Somente instruído ele estaria apto a criticar a ordem vigente, aderir aos princípios do movimento e conduzir a luta pela transformação social. A educação, assim é uma preocupação central DO movimento anarquista.

Este movimento acredita que, para alcançar a Revolução é necessário conquistar o povo para a luta pela liberdade. Este primeiro contato é realizado por meio da propaganda revolucionária, expondo a realidade de exploração para os trabalhadores, com intuito de despertá-los para a opressão sofrida e incitá-los a rebelião contra as injustiças. Para manter o povo fiel ao movimento é necessário, no entanto, elevar sua instrução a ponto que possam compreender a estratégia revolucionária e leva-la a cabo, sustentando a oposição. (MALATESTA, 1989)

O papel primordial da educação para o anarquismo é levar os trabalhadores ao entendimento de que há uma causa a ser perseguida e um movimento de oposição a ser mantido. Para Malatesta, é papel dos anarquistas incentivarem os novos adeptos a, por meio da própria luta, questionarem e estudarem suas derrotas, bem como aumentarem suas exigências à medida que desfrutem de melhores condições de vida a cada vitória. (MALATESTA, 1989)

Na história da pedagogia, poucas são as referências à perspectiva anarquista sobre a educação. Ao longo da história, como corrobora Silvio Gallo (1995), a contribuição anarquista caiu progressivamente no esquecimento dos setores sociais, e este esquecimento não aconteceu por acaso. A carência de fontes torna a pesquisa em educação anarquista um desafio.

Observando esta realidade, e atentando para a questão da Educação Integral - um princípio norteador das iniciativas em educação libertária, que dispõe de pouca produção teórica a seu respeito - decidimos dedicar este estudo a esta temática e, ainda, estreitar o foco a um autor que possui grande parte de sua produção acerca deste tema: Mikhail Bakunin.

Além de Bakunin, temos no campo anarquista alguns outros autores que discutem o tema da educação integral dos quais elegemos Paul Robin para auxiliar neste estudo. São importantes comentadores dos autores anarquistas os estudiosos: Lígia Martha Coelho, Ângela Maria Souza Martins, Codello e Silvio Gallo e também contaremos com escritos destes estes autores para orientarem a análise à obra “A Instrução Integral”.

Bakunin afirma ainda que é através da educação que se alcança a liberdade. Mas não uma educação estritamente intelectual, pois, segundo ele, liberdade é “o desenvolvimento

integral e o pleno gozo de todas as faculdades corporais, intelectuais e morais para cada um” (BAKUNIN, apud GALLO, 1995, p.26) Desta forma, a educação que produz liberdade deve contemplar mente, corpo e moral, ou seja, deve ser uma educação integral. Devemos lembrar que, para Bakunin, a liberdade é uma questão central, orientadora das ações revolucionárias, da educação e princípio norteador de toda sua produção. (Codello 2006)

Este autor também estava atento à dualidade de educação entre o proletariado e os ricos. Enquanto os ricos tinham acesso a uma educação que trazia os avanços científicos, tecnológicos, industriais, o proletariado era privado deste patrimônio.

Até agora os burgueses caminharam mais depressa no caminho da civilização do que os proletariados, não porque sua inteligência fosse maior do que destes últimos – hoje se poderia dizer com razão ao contrário – mas porque a organização econômica e política da sociedade foi tal que a ciência não existiu senão para eles e que o proletariado se viu condenado a uma ignorância forçada (...) (BAKUNIN, apud MARTINS, 2009)

Assim, para ele era necessário prover aos trabalhadores uma educação que estivesse sintonizada com a ciência, que diminuísse as desigualdades, uma educação integral.

Colocamos, então, em questão alguns pontos: Quais seriam os princípios e fins da Educação Integral em Bakunin? Haveria uma distinção entre educação e instrução para este autor?

A segunda questão exposta acima origina-se da leitura da obra “Instrução Integral”, na qual encontramos o termo *instrução* no título, mas ao longo do texto aparece por diversas vezes a expressão *educação integral*. A leitura de Jean Barrué, na introdução à “Instrução Integral” - impressão de 2003 pela editora Imaginário – nos faz ampliar este questionamento para: quais os significados dos termos educação, instrução, ensino e pedagogia, para este autor?

Acreditamos que este tema se mantém relevante, seja para discussão de experiências passadas em educação Libertária, seja para tratar a questão da dualidade educativa ainda encontrada na sociedade de hoje.

Escolhemos para o presente trabalho o método de pesquisa baseado em levantamento teórico, no sentido de uma pesquisa qualitativa acerca das teorias de Bakunin, seus principais discípulos e comentadores a respeito da Educação Integral, num esforço para analisar a obra “A Instrução Integral”, de Bakunin.

O método do levantamento bibliográfico foi escolhido por poder proporcionar uma abordagem histórica do tema, o que uma observação ou uma pesquisa de campo não alcançariam com a mesma profundidade neste caso. Antes de direcionarmos nosso olhar sobre

“A Instrução Integral”, consideramos necessário uma apresentação do autor, o que faremos na seção a seguir.

## **2-MIKHAIL ALEKSANDROVICH BAKUNIN: VIDA, OBRA, REVOLUÇÃO E EDUCAÇÃO INTEGRAL**

Regra geral: aquele que deseja propagar a revolução deve ser ele próprio verdadeiramente revolucionário. Para elevar os homens é necessário ter o diabo no corpo. (BAKUNIN apud CODELLO, 2007, p. 126)

Este fragmento citado por Codello em sua obra “A Boa Educação”, nos ajuda a apresentar parte do pensamento sobre Mikhail Aleksandrovich Bakunin, considerado pai do anarquismo, reconhecido por suas atuações nas frentes revolucionárias, bem como em comissões e associações que se reuniram em torno dos interesses dos trabalhadores em diferentes países como Alemanha, França, Itália, etc. Este revolucionário dedicou seus escritos a causa dos operários explorados e teve como especial foco a educação como parte integrante e decisiva para a composição de uma atmosfera revolucionária, de um ambiente que propiciasse a revolução social.

O estilo de escrita de Bakunin se afasta dos teóricos acadêmicos. Ele dedicou sua vida a uma articulação muito íntima entre militância e produção textual, na qual a última na realidade era parte da primeira. Nesta mesma linha, não encontraremos grandes sistematizações em seus escritos, mas uma escrita apaixonada e cheia de críticas ao capitalismo e as mazelas do proletariado. Sendo assim, nas palavras de Barrué (2003), no texto “Bakunin e a Educação”, que introduz o livro “Instrução Integral”, encontramos:

Bakunin escrevia sem se preocupar com a arte da composição: seus manuscritos, em sua maioria, permanecem inacabados, ‘porque ele era constantemente desviado da obra teórica começada pela ação imediata que o absorvia e desviava suas forças numa outra direção’. (Marx Nettleau). Encontrar-se-á, pois, na obra de Bakunin, reflexões sobre a educação em vez da exposição de um projeto educativo sistemático.

Convém reafirmar aqui, como já apontara Barrué (2003), que não se achará em Bakunin uma pedagogia libertária, mas as linhas de um projeto educativo libertário, pois este autor destinava seus pensamentos e escritos mais a uma análise da realidade com vistas a ação do que a abstração de conceitos e sistematização no campo pedagógico.

Bakunin recebeu uma educação bastante eclética, tendo passado por uma educação liberal em sua casa, seguida pela passagem pela Escola de Artilharia de São Petersburgo e

mais adiante pelas Universidades de Moscou e Berlim. Estas últimas lhe conferiram aparato para sua vida posterior enquanto militante.

Talvez esta caminhada rica por sistemas educacionais tenham intensificado seu interesse por esta temática, bem como lhe confirmado a ideia de que a educação desempenha importantíssimo papel na formação do homem.

Nascido em 1814, numa família de nobres russos, passando pelo exército em sua juventude, ele larga esta carreira e inicia sua jornada com a esquerda, inspirado por autores como Hegel, e integrando seu grupo político aos 26 anos. FEEREIRA (sem ano, p. 4), revela que “Depois de um ano de serviço militar, volta a seu país e simulando uma doença pede demissão do exército, o que só não foi considerado ato de deserção e punido com prisão em razão da influencia da família” o que nos demonstra uma inclinação já existente para a subversão de uma ordem que lhe custe sua liberdade - a organização militar não combinava, certamente, com as aspirações de Bakunin.

O contexto que propiciou o desdobramento de sua vida para as frentes de combate de esquerda contavam com uma crise econômica, fome, desemprego e desespero:

a grande depressão que varreu o continente a partir da metade da década de 1840. As colheitas - e em especial a safra de batatas - fracassaram. Populações inteiras como as da Irlanda, e até certo ponto também as da Silésia e Flandres, morriam de fome. Os preços dos gêneros alimentícios subiam. A depressão industrial multiplicava o desemprego, e as massas urbanas de trabalhadores pobres eram privadas de seus modestos rendimentos no exato momento em que o custo de vida atingia proporções gigantescas. (HOBSBAWM *apud* s.a. 2005, p. 4,5)

Em meio a esta conjuntura se interessa pelo comunismo, e participa de diversos eventos revolucionários, dos quais resulta sua prisão em 1849, por doze anos. Após sua fuga da prisão, vai para Londres. Entrando para a AIT – Associação Internacional dos Trabalhadores, Bakunin se torna oficialmente um anarquista em 1860, mas ao apresentar escritos e ampliar sua influência na organização, é expulso por tornar-se um perigo a hegemonia marxista. (CORREA, 2010)

A entrada de Bakunin mudou os rumos desta associação radicalmente, provocando uma cisão que até então não havia sido cogitada, pois as ideias marxistas eram hegemônicas dentre os integrantes:

A entrada do anarquista Mikhail Bakunin como delegado no congresso de Basiléia, em 1869, balançou a posição consolidada dos membros mais antigos. Sua defesa do coletivismo lhe permitiu dividir espaço com os

comunistas marxistas e blanquistas<sup>6</sup> e trouxe para seu lado a maioria dos delegados dos países latinos e eslavos. Começava a surgir uma outra força aglutinadora de interesses dentro da Internacional. (ROMANI, sem ano, p. 5)

A AIT foi fundada em 1824, tendo como objetivo a emancipação das classes trabalhadoras. Ali Bakunin encontrou Paul Robin<sup>7</sup>, Guillaume<sup>8</sup> e outros que, como ele, discordavam da vertente autoritária encabeçada por Marx e seus seguidores. Bakunin liderava o lado dos antiautoritários e os embates entre estes e a ala marxista culminaram com a expulsão dos bakuninistas na conferência de Londres, em 1871.

Sua atuação e seus escritos antes, durante e depois da AIT concederam a Bakunin o título de pai do anarquismo, sendo o primeiro intérprete desta corrente de pensamento. No campo da educação, Bakunin se apropria da ideia de educação Integral de Proudhon – da educação integral como instrumento de formação profissional - direcionando-a para a finalidade que acreditava ter: a revolução. Para ele a educação fazia parte de um projeto libertário mais amplo, de uma revolução social (CODELLO, 2006).

Um dos questionamentos de Bakunin a respeito dos anseios do movimento anarquista era de como o proletariado poderia conseguir superar as desigualdades se não estivesse igualmente instruído em relação a classe dominante. Para ele, prover os mesmos meios e dar acesso ao trabalhador para os mesmos temas oferecidos aos mais ricos era fator decisivo para que o primeiro pudesse alcançar a capacidade para a transformação social.

Ele acreditava que aquele que tivesse maior instrução poderia alcançar a percepção da realidade a seu redor, e por isso superar o outro menos instruído. Esta era a causa pela qual os operários não haviam alcançado ainda seus objetivos, porque a classe dominante estava munida de maiores conhecimentos, podendo articular-se para se manter no poder.

Fica claro até aqui, que qualquer transformação desejada pelo proletariado só seria viável através de instrução, de educação. Todo o avanço científico do século XIX havia sido privado aos trabalhadores, e por isso, as desigualdades avançavam a passos largos. Era

---

<sup>6</sup> Os comunistas blanquistas defendiam a supressão da propriedade privada e a revolução social armada, e acreditavam que o poder pós-revolução deveria ser mantido por meio de ditadura dos trabalhadores. Adeptos da ação direta e não parlamentar, não concordavam com a ideia marxista do uso do Partido Comunista como o instrumento para a condução à mudança social. (ROMANI, s.d.)

<sup>7</sup> Paul Robin nasceu em 03/04/1837 na cidade de Toulón e foi um pedagogo anarquista difusor das ideias neomalthusianas. Participou ativamente da AIT, sendo expulso por apoiar Bakunin. Em 1896 fundou a “Liga de La Regeneración Humana”, uma organização de orientação neomalthusiana.

<sup>8</sup> Nascido em 16/02/1844 em Londres, filho de um republicano suíço, James Guillaume é conhecido por sua obra “L’Internationale” na qual expressa as ideias da vertente anarquista na AIT. Ele e Bakunin são considerados os principais representantes desta vertente que se opunha ao radicalismo marxista na Associação Internacional dos Trabalhadores.

necessária uma educação que desse a todos as mesmas condições, e permitisse uma sociedade igualitária e justa.

É importante salientar que, destacando com veemência a importância da instrução pela ciência, para Bakunin esta instrução deveria desembocar na educação para o trabalho. Segundo ele todo homem deveria ser educado para a ciência e para o trabalho, e estas aptidões reforçariam uma a outra. (MARTINS, 2009)

Também para Martins (2009), a educação integral para Bakunin era ponto de partida para qualquer transformação social. Esta educação está pautada na igualdade, liberdade, racionalidade científica e educação moral.

Codello (2007, p. 116) nos empresta uma citação de Bakunin, no estilo mais radical de seu discurso, a qual indica como resumo de seu pensamento sobre a educação, no que toca a difusão do saber como capacidade revolucionária do conhecimento e lógica norteadora da formação de classes.

Estamos tão certos que a educação é a medida do nível de liberdade, de prosperidade e de humanidade que uma classe ou um indivíduo pode atingir, que pleiteamos para o proletário não somente alguma instrução, mas toda a instrução, a instrução integral e completa, a fim de que não possa mais existir acima dele, para protegê-lo e para dirigi-lo, ou seja, para explorá-lo,, nenhuma classe superior pela sua ciência, nenhuma aristocracia da inteligência. Em nossa opinião dentre todas as aristocracias que oprimiram caso a caso a sociedade humana, e algumas vezes em conjunto, essa pretensa aristocracia da inteligência é a mais odiosa, a mais desprezível, a mais impertinente e a mais opressora.

É com este espírito, crítico e revoltoso, que Bakunin teoriza sobre a educação que liberta ao invés de oprimir e dividir. Esta superaria os dogmas religiosos da educação separada de meninos e meninas, a dualidade educativa entre proletário e proprietários, a predileção do espírito em detrimento do corpo, destinando sempre aos mais pobres e menos instruídos os trabalhos braçais e alienantes, dando lugar a um trabalho integrado entre estas duas instâncias - e a união destas a uma educação moral - e o autoritarismo veiculado tanto pela Igreja quanto pelo Estado. Assim pretende instaurar:

Uma escola naturalmente renovada de forma profunda, aberta a ambos os sexos, que tenha como base o ensino das noções mais elementares até aquelas das ciências mais abstratas, que se especialize no decorrer dos anos e uma sempre a prática à teoria, o desenvolvimento do corpo àquele do espírito e do coração. A autoridade que é exercida nessa escola é caracterizada por um profundo respeito pela dignidade e pela liberdade dos jovens, uma vez que o escopo da educação é a autonomia e o desenvolvimento integral destes jovens

Para entendermos melhor o que Bakunin pensa sobre a educação integral, passemos agora à análise de sua autoria destinada especificamente a este tema.

### 3-A INSTRUÇÃO INTEGRAL – ANÁLISE DA OBRA

Disto se deduz que, no interesse do trabalho e da ciência, não deverão existir nem operários nem intelectuais, mas tão somente homens. (BAKUNIN, 2003, p.70)

Esta afirmação expressa a intenção primeira de Bakunin, seja em sua vida, em sua obra ou em qualquer ação que tenha empreendido enquanto militante anarquista: a igualdade entre os homens. Este ideal vai permear toda a obra *A Instrução Integral* e vai dar o tom aos princípios bakunianos ao longo do livro. Dedicaremos esta seção à análise desta obra, começando por seu surgimento, da união de diversos artigos produzidos por Bakunin em sua militância política e, num segundo momento, estabelecendo o entendimento deste autor sobre o tema que dá nome à esta obra.

Não encontraremos em *A Instrução Integral* as soluções para os problemas da educação, mas certamente os pontos tratados por Bakunin nos servem de base para a reflexão dos problemas educacionais até a atualidade. Este autor tem tradição em propor soluções práticas aos problemas que identifica na análise à realidade a seu redor, ao invés de ater-se a teorizações acerca dela. “Mesmo quanto enfrenta os problemas da educação e da instrução, parte sempre da análise impiedosa da realidade para desenvolver então, hipóteses absolutamente revolucionárias e de extrema atualidade.” (CODELLO, 2007, p. 110-111)

Francesco Codello (2007) nos fornece dados que indicam a origem da obra em questão nesta seção. Ele sinaliza que a obra, na qual Bakunin se debruça sobre o tema da educação integral, é composta de cartas, que foram publicadas por meio do periódico *L'Égalité*, de Genebra ao longo de três meses – junho, julho e agosto – de 1869. Podemos apontar então, este ano como ano de origem da obra, ainda que fragmentada.

As quatro cartas - ou artigos, já que foram publicadas num periódico - que compõem o livro representam as quatro divisões encontradas nele, e apresentam cada qual seu foco específico. Pretendemos adiante, após uma exposição da visão de Bakunin ao longo de toda a obra, apontar os focos encontrados nestas seções, sinalizando as principais ideias deste autor em cada uma delas.

Destinaremos as linhas a seguir à análise do livro supracitado, de autoria de Bakunin, inserido na obra homônima que traz, além do compilado das 4 cartas/artigos, dois textos

introdutórios: *Bakunin e a Educação*, de Jean Barraú e *Mikhail Bakunin e a Educação Libertária*, de Jean-Marc Raynaud. O exemplar que temos em mãos foi impresso em 2003 no Brasil, publicado pela Editora Imagiário com a tradução do texto de Bakunin por Luiz Roberto Malta e dos textos de Jean Barraú e Jean-Marc Raynaud por Plínio Augusto Coêlho.

A leitura da obra nos permite perceber que Bakunin acreditava que qualquer emancipação intelectual dependeria de uma transformação da sociedade, pois havia aspectos que influenciavam diretamente a formação das crianças, de forma que somente modificar a escola não seria suficiente para garantir uma educação nos moldes que acreditava adequados.

Por outro lado, admite que a emancipação das classes populares só seria uma realidade frente a igualdade de instrução desta em relação à burguesia. Para ele, era através do monopólio da ciência, exercido pelos ricos sobre os pobres que se produziam as desigualdades sociais, de forma que, aquele que tivesse acesso às descobertas científicas estaria necessariamente à frente daquele que fosse ignorante a este conhecimento.

Dividiremos a análise a seguir em 4 seções, referentes às cartas/artigos que, conforme exposto anteriormente, compõem a obra em questão.

## **Seção I**

Nesta carta/artigo, pudemos observar que Bakunin se dirige a quatro questões iniciais de seu pensamento sobre a Instrução Integral: 1. a origem da necessidade de tal tipo de educação; 2. a crítica aos socialistas burgueses, 3. a dualidade educacional e; 4. a questão da ciência.

A necessidade de uma educação que fosse integral, completa, vem da realidade desigual que Bakunin observa em seu tempo. Para ele havia naquele momento uma dominação intelectual das classes privilegiadas sobre o povo. Ele dá uma importância central a esta instrução e a esta educação que deveriam ser oferecidas a todos igualmente, como único meio para galgar a igualdade no âmbito social. Para ele a desigualdade de ordem intelectual originaria as demais desigualdades. Ele afirma que: “não existindo entre as duas classes sociais, em princípio, mais do que esta única diferença de instrução e de educação, esta diferença produzirá em pouco tempo todas as demais” (2003, p. 60).

Robin – que discutiu junto a Bakunin, na AIT, as bases da educação integral - nos ajuda a pensar esta necessidade ao concordar que as desigualdades de forma geral tem sua origem nas de ordem intelectual, esta última, fruto de uma sequência de fatores naturais ou históricos e da dualidade educacional que agrava as diferenças de instrução:

La causa profunda de los grandes desordenes sociales está en la desigualdade excesiva que hay entre los hombres desde el punto de vista intelectual y em la divergência absoluta de sus respectivos pensamientos. Esta desigualdade, consecuencia absoluta de ciertos factores naturales o históricos, se ha elaborado tal parece, consciente o inconscientemente, no solamente por la ignorancia em la que se han dejado las masas, sino más bien por la educacion que se há impartido, la contra-educación, anti-racional e inmoral, diferente y divergente, tendente a exagerar las oposiciones em lugar de atenuarlas<sup>9</sup> (1981, p. 41)

Apropriando-se da origem da necessidade de uma educação que se contraponha a este realidade histórica, Bakunin se preocupa também em diferenciar “instrução” de “inteligência”. O povo padece por falta de instrução e, salvo pelas diferenças naturais de cada pessoa, sendo ela burguesa ou proletária, em relação a suas capacidades de desenvolvimento e aprendizado. Para ilustrar, a seguir um fragmento de Bakunin sobre as contradições provocadas pela falta de instrução:

Com frequência acontece de um operário muito inteligente se ver obrigado a emudecer ante um tolo erudito, que o faz calar, não por maior finura de espírito, da qual carece, mas sim, por instrução, da qual o operário se viu privado e que o outro pôde receber, pois enquanto sua ignorância se desenvolvia cientificamente nas escolas, o trabalho do operário o vestia, dava-lhe moradia, o alimentava e lhe proporcionava tudo, os mestres e os livros necessários para sua instrução. (2003, p. 63)

Ele entende que há, entre as classes, uma diferença de conhecimento, porém, afasta a crença de que haveria uma deficiência cognitiva no povo, que o condenasse a uma posição inferior. Ele entende que a falta de instrução igual para todos é que produz esta condenação, pois impede que o “operário” faça frente às manipulações do “tolo erudito”. Entendendo esta realidade ele se dedica a pensar de que forma tal desigualdade poderia ser superada.

Codello faz uma contribuição fecunda sobre a obra de Bakunin em seu livro *A Boa Educação*, na qual apresenta as bases do pensamento de nosso autor sobre a educação, apontando, acerca da discussão deste sobre a falta de instrução no proletariado, o mesmo que identificamos na obra *A Instrução Integral*, ou seja, que falta a instrução que permita os avanços deste grupo. Codello nos fornece um trecho de uma correspondência de Bakunin na qual ele afirma não ser: “a matéria prima que nos falta, mas sim os homens instruídos e

---

<sup>9</sup> A causa profunda dos grandes distúrbios sociais esta na desigualdade excessiva que existe entre os homens desde o ponto de vista intelectual e na absoluta divergência de seus respectivos pensamentos. Esta Desigualdade, consequência absoluta de certos fatores naturais ou históricos, foi formada, consciente ou inconscientemente, não somente pela ignorância na qual foram deixadas as massas, mas pela educação que lhe foi dada, a contra-educação, anti-racional e imoral, diferente e divergente, tendente a acentuar as oposições ao invés de atenua-las. (Tradução livre feita pela autora da presente obra)

inteligentes que agem de modo sincero e que são capazes de dar uma forma a esta matéria prima” (BAKUNIN apud CODELLO, 2007, P. 112).

Opondo-se aos socialistas burgueses, - a quem denomina os partidários da ideia de que uma parcela da sociedade deveria reservar-se aos estudos científicos enquanto outros ao trabalho - Bakunin alega que seus integrantes estavam interessados na perpetuação da desigualdade, pois estes acreditavam que cada classe teria seu papel na sociedade, amenizando o legado de injustiça que esta divisão de classes trouxe à sociedade ao longo dos tempos. Ele afirma: “Os socialistas burgueses querem a manutenção das classes, pois cada uma deve, segundo eles, representar uma função social diferente” (BAKUNIN, 2003, p. 60)

Assim, temos no primeiro uma instrução parcial e dualista, voltada aos destinos de cada um (pensar ou fazer), e para o segundo – Bakunin – uma instrução integral, capacitando todos a desempenharem estes papéis como uma forma de realização de cada pessoa de maneira completa, integral.

Mas dir-se-á – e é este o argumento que amiúde nos opõem e que os senhores doutrinários de todas as cores consideram irresistível – é impossível que a humanidade inteira se dedique à ciência: morreria de fome. É preciso, portanto, que enquanto alguns estudam outros trabalhem para produzir os objetos necessários para que eles, em primeiro lugar vivam, e depois, para os homens que se dedicam exclusivamente a trabalhos intelectuais, pois esses homens não trabalham só para si. (BAKUNIN, 2003, P. 61)

Tais socialistas burgueses acreditavam que o legado dos intelectuais, cientistas, artistas e pensadores beneficiava a todos, sendo uma contribuição destes para toda a sociedade e legitimando a ideia de que, enquanto pensavam por todos e produziam os bens culturais e intelectuais, deveria haver também quem trabalhasse nesta mesma medida, provendo o necessário para si e para os intelectuais em ordem material. O problema para Bakunin – e aqui se configura a questão da ciência - é que toda ciência, toda arte, que fosse produzida nesta organização desigual serviria para aprofundar ainda mais a desigualdade:

De maneira que a riqueza se desenvolve na razão direta da miséria crescente das massas proletárias (...) E o mesmo acontece com os modernos avanços da ciência e das artes. São imensos, na verdade, esses progressos. Mas quanto mais extraordinários são, mais se convertem em causa de escravidão intelectual e, portanto, material, origem de misérias e de inferioridade para o povo, pois tais progressos também estimulam a distância que já separa a inteligência popular das classes privilegiadas. (BAKUNIN, 2003, 63).

A ciência, que deveria ampliar as mentes e emancipar as massas, que deveria levar ao progresso, para a liberdade, na verdade alimenta a desigualdade afastando cada vez mais

aqueles que têm acesso a ela dos que são isolados pela ignorância. Ainda que os avanços fossem consideráveis, somente a elite tinha acesso aos mesmos, enquanto as massas ocupavam-se com o trabalho pesado.

Em síntese, enquanto Bakunin condena e determina que qualquer desigualdade será maléfica, os socialistas burgueses admitem que seria possível manter esta organização dual sem que houvesse prejuízos ao povo, pois este também seria beneficiado pelos avanços científicos alcançados pelos estudos dos intelectuais, oriundos das classes privilegiadas. Para os socialistas burgueses, seria justo que parte da sociedade pensasse para que a outra parte executasse, enquanto para Bakunin todos deveriam pensar e executar, refletindo a união entre trabalho intelectual e trabalho manual.

Bakunin aponta nas últimas páginas desta seção do livro que tal ciência, que vem dos ricos para os ricos, está a serviço do Estado, no sentido de perpetuar as desigualdades e manter a organização social fragmentada em classes.

Quem pode, pois negar que todos os progressos científicos serviram, até agora, sem exceção, para o enriquecimento das classes privilegiadas e para aumentar o poder dos Estados, em detrimento do bem-estar e da liberdade das massas populares, do proletariado? (2003, p. 67)

Codello (2007) aponta o mesmo entendimento ao levantar a questão da ciência burguesa como potência dos Estados, pela qual “Por meio do uso desses conhecimentos, o povo é tido de modo sempre mais educado e atualizado nas condições de súdito, o que os impede de uma verdadeira e efetiva emancipação.” (p. 118) Este autor desenvolve a mesma visão sobre o posicionamento de Bakunin: a de que os progressos em meio a desigualdade confirmarão e aprofundarão a desigualdade. Assim, deveria haver uma transformação que eliminasse as diferenças sociais e econômicas, viabilizando estas transformações no caráter da ciência e da educação.

A crença bakuniana de que a emancipação econômica deve preceder qualquer outra emancipação vai de encontro à perspectiva dos socialistas burgueses. Ele explica que, para este grupo, o proletariado somente estaria preparado para a revolução social mediante uma instrução prévia. Este grupo reivindicava instrução ao povo, de forma que, após instruídos as demais transformações poderiam ser iniciadas, enquanto, para Bakunin, qualquer instrução seria ineficaz se ocorrida em meio à conjuntura social de exploração e desigualdade na qual se encontravam os operários. Para Bakunin, era impossível esperar pela instrução numa organização social desigual e esta espera somente retardava a transformação econômica e social da qual dependiam os trabalhadores para galgarem uma posição de igualdade frente aos burgueses.

Para ele, estando numa sociedade burguesa, de valores e regulamentos burgueses e submetidos a uma jornada de trabalho exaustiva, seria impossível, física e intelectualmente que a instrução e a educação integrais fizessem algum efeito duradouro, pois, saindo das escolas e oprimidos pela realidade social, os operários não teriam condições de se apropriarem de tal educação.

O cenário é na verdade, mais complexo. Pois, para Bakunin, nem mesmo a implantação de um modelo educativo pautado na instrução integral seria possível, pois não haveria apoio para a perpetuação destes ideais em meio a uma sociedade totalmente contraditória a eles.

O que Bakunin enxerga é que, enquanto o operário precisar prover os meios para si e para uma parcela de pessoas que está reservada à instrução, este não terá as mesmas condições de se instruir daqueles outros, estará mais cansado e terá menos tempo para tal, estando necessariamente em desvantagem. Ora, não se pode parar o trabalho, pois dele necessita a sociedade para se manter em funcionamento, assim, o operário está fadado à submeter-se àqueles que não precisaram trabalhar por seu sustento mas dedicaram-se unicamente a instrução de suas mentes.

Para que o operário possa alcançar uma posição igualitária é necessário ser liberado desta carga de suprir, além de suas necessidades materiais, as daqueles destinados aos propósitos intelectuais. Só assim teria condições de instrução, porque teria direito ao tempo disponível para o lazer e estudos.

Esperar que o operário se instrua para que haja a transformação social para a igualdade é vão, a medida que ele nunca alcançará as mesmas condições intelectuais das classes privilegiadas enquanto não tiver as mesmas condições nos demais aspectos de sua vida. Por isto Bakunin acredita que a emancipação econômica é o princípio para que as demais emancipações tenham condições de serem alcançadas.

Resumamos: na atual organização da sociedade, os progressos da ciência têm sido a causa da ignorância relativa do proletariado, assim como os progressos da indústria e do comércio têm sido a causa de sua miséria relativa. (BAKUNIN, 2003, p. 68-69)

## **Seção II**

Na segunda seção da obra analisada, Bakunin se volta novamente ao combate da ciência e da riqueza burguesas, desdobrando seu discurso, posteriormente, às questões de herança, diversidade e solidariedade.

Vimos na seção anterior que, para Bakunin, a ciência burguesa precisa ser combatida porque, tendenciosa e desviada dos interesses de todos, tem produzido e agravado as desigualdades. Devendo ser de todos para todos, ela tem sido de poucos para poucos, seguindo a lógica da riqueza e sendo manipulada por ela. Bakunin reforça a necessidade de opor-se a esta ciência e esta riqueza. Diz Bakunin (2003, p. 69): “Combatê-las e repeli-las no sentido de que destroem a ordem social que é patrimônio de uma ou de várias classes, devendo reivindicá-las como um bem comum de todos.” E ele afirma ainda:

Demonstramos que, enquanto houver dois ou vários graus de instrução para as diferentes camadas da sociedade, haverá necessariamente classes, quer dizer, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de afortunados, e a escravidão e a miséria para a maioria (BAKUNIN, 2003, p. 69)

Vimos também que, para o combate da ciência burguesa, é necessário que haja uma transformação de ordem econômica que sustente uma ciência de todos. Bakunin afirma diversas vezes que esta emancipação é fundamental para uma sociedade justa, livre e igualitária:

A liberdade individual, não a privilegiada, mas sim a humana, e as capacidades reais das pessoas, não poderão desenvolver-se plenamente a não ser em condições de absoluta igualdade (...) Por tudo isso, concluímos que, para que as capacidades individuais prosperem e não sejam impedidas de darem todos os seus frutos, é necessário – antes de mais nada – que os privilégios individuais, tanto políticos como econômicos, ou seja, todas as classes, sejam abolidos. Será preciso que desapareçam a propriedade privada e o direito de herança para que triunfe a igualdade econômica, política e social. (BAKUNIN, 2003, p. 75)

Posta a necessidade de combate da ciência e da riqueza burguesas e a extinção das classes como pontos de partida para a emancipação, Bakunin se antecipa ao questionamento sobre quem seria, estando o proletário liberado disto, o responsável pelo trabalho e por sustentar materialmente a sociedade. Segundo ele, longe de todos serem liberados para dedicarem-se somente a instrução intelectual, tanto o operário quanto o intelectual, o rico e o pobre, o proletário e o burguês, todos deveriam trabalhar e contribuir com sua parcela neste sustento. Esta afirmação faz parte da concepção educativa integral de que trabalhos intelectual e manual estão interligados e se completam, resultando no ser integral.

Para Bakunin, ao contrário do que seus opositores pensavam, longe de se configurar um atraso social, a união entre o trabalho manual e o intelectual traria o equilíbrio e a

completude necessários às pessoas. Assim, dissociar estas duas instâncias equivale a desvirtuar a tendência natural da humanidade, que é o desenvolvimento pleno de todas as capacidades. Ele garante que

(...) na sociedade atual estão igualmente deturpados o trabalho manual e o intelectual, por causa do isolamento artificial a que foram condenados. Mas estamos convencidos de que no homem vivo e íntegro cada uma destas atividades, muscular e nervosa, deve ser desenvolvida igualmente e, longe de se prejudicarem mutuamente, cada qual deve apoiar, ampliar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o intelectual não ignorar o trabalho manual; e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte, mais produtivo do que o do operário ignorante. (BAKUNIN, 2003, p.70)

Ele reconhece que haveria, inicialmente, um preço a ser pago, pois já não haveria altos intelectuais, mas por outro lado, também não teríamos os ignorantes. Codello (2007) afirma que a intenção de Bakunin com esta transformação é reconciliar ciência e vida. Em lugar de uma ciência de altíssimo nível, do conforto e da riqueza, teríamos condições que pudessem ser asseguradas a todos, mesmo que isto custasse uma queda em seu padrão. Neste sentido, as desigualdades seriam extintas, e, num primeiro momento, haveria um declínio de um lado e uma elevação de outro. Com o desenvolvimento da sociedade, quando esta pudesse atender às necessidades de todos, os altos padrões de conforto e da ciência poderão ser retomados, levando em conta a igualdade de condições entre as pessoas.

É possível e até muito provável que na época de transição mais ou menos longa que naturalmente se seguirá à grande crise social, as ciências mais elevadas descerão consideravelmente abaixo de seu nível atual, como também é inegável que o luxo e tudo o que constitui os refinamentos da vida deverão desaparecer durante muito tempo e só poderão reaparecer quando a sociedade tiver conquistado o necessário para todas as pessoas. (BAKUNIN, 2003, p.71)

Ele se debruça sobre a bandeira de todo socialista e de todo anarquista: a busca pela igualdade entre as pessoas. Codello (2007) comenta: “Uma vez que os membros da Associação Internacional dos Trabalhadores – afirma o revolucionário russo – desejam a igualdade, é necessário perseguir a instrução integral e igual para todos” (p. 118). O sacrifício da queda de padrões servirá a um objetivo maior, mais alto, guiado pelo princípio da igualdade. Ora,

(...) sem dúvida haverá menos sábios ilustres, mas ao mesmo tempo haverá infinitamente menos ignorantes. Já não haverá este pequeno número de homens que tocam os céus, mas, em contrapartida, milhões de homens hoje degradados, esmagados caminharão humanamente sobre a terra. (BAKUNIN, 2003, p.71)

Seguindo esta linha, ele não acredita no sucesso social à custa da exploração e da divisão de classes. Nestes moldes, enquanto uns desfrutam de conforto e luxo, de uma bagagem cultural e intelectual refinadas, o povo é jogado aos farrapos, trabalhando exaustivamente e sem condições de acesso a este padrão de vida. Assim ele almeja a abolição dos privilégios e das desigualdades.

Não haverá, pois, lugar para a divinização nem para o desprezo. Todos se darão as mãos e, uma vez juntos, caminharão com novo ardor para outras conquistas, tanto na ciência como na vida.

Longe de temer este eclipse momentâneo da ciência, nós o desejamos fervorosamente, pois ele terá como efeito humanizar os sábios e os trabalhadores simultaneamente, reconciliar a ciência e a vida. (BAKUNIN, 2003, p. 72)

Os adversários de Bakunin, aos quais ele denomina *burgueses e socialistas burgueses*, alegavam que mesmo numa sociedade igualitária haveria uma variação no produto do desenvolvimento de cada pessoal fruto de suas aptidões naturais e que justificaria a crença deste grupo de que as desigualdades são fruto da diferença nas capacidades individuais. Aqui cabe abordar a preocupação de Bakunin com a questão da herança das classes. Codello (2007) afirma sobre o pensamento de nosso autor que: “A herança entre os ricos é, também no âmbito da instrução, diferente daquela dos pobres.” (p. 119)

Bakunin entende que, além da organização social desigual, disposta em classes, e da dualidade educacional que sustenta esta ordem, há na herança um grande impedimento ao sucesso de uma educação integral que torne todos os indivíduos iguais em desenvolvimento. A herança impede que todos alcancem o mesmo resultado porque coloca uns a frente de outros no início do percurso educacional. É evidente que uma família rica poderá prover a seus filhos uma educação de maior qualidade, que potencializará este aprendizado devido a sua condição econômica e, deixando estes bens como herança para as próximas gerações, perpetuará assim esta posição favorável. O pobre também perpetuaria sua condição de pobreza e ignorância e a sociedade se manteria dividida e desigual.

Não é, portanto, uma hipocrisia falar - não só na sociedade atual, mas com vistas a uma sociedade reformada também, que continuaria tendo como base a propriedade individual e o direito de herança – não é um engano infame falar de direitos individuais fundados nas capacidades individuais? (2003, p. 73)

Bakunin afirma que “a partir do momento em que a herança existe, jamais a carreira será o resultado de suas capacidades e de sua energia individual; “será, antes de mais nada,

resultado do estado da fortuna, da riqueza ou da miséria de suas famílias” (p. 73) Assim, ele determina linhas a frente que:

Por tudo isso, concluímos que, para que as capacidades individuais prosperem e não sejam impedidas de darem todos os seus frutos, é necessário – antes de mais nada – que os privilégios individuais, tanto políticos como econômicos, ou seja, todas as classes sejam abolidos. Será preciso que desapareçam a propriedade privada e o direito de herança para que triunfe a igualdade econômica, política e social.

Posto um cenário real de iguais possibilidades para todos, há que se considerar que haveria diferenças intrínsecas a cada pessoa, criando no grupo uma diversidade de aptidões e capacidades. Bakunin acredita que esta diversidade é fecunda e sadia à medida que produz no grupo o sentimento de solidariedade e interdependência, ao passo que considera também natural que as diferenças de capacidade e energia se façam presentes. “de forma que esta diversidade infinita das pessoas é a própria causa, a base principal de sua solidariedade, um argumento todo-poderoso a favor da igualdade” (BAKUNIN, 2003, p. 75)

Ele nos traz que, sendo todos iguais e, dadas as mesmas condições de aprendizado a todos, se desenvolverão segundo suas capacidades, diversificando-se e complementando-se uns aos outros. Em uns sobressaem algumas aptidões mais fracas em outros e vice versa, criando uma rede de cooperação e compensação entre as pessoas.

(...) do ponto de vista das capacidades intelectuais e da energia moral, a imensa maioria dos homens se complementa, ou que, ao menos eles sabem se valer, ao ser compensada a fraqueza de cada qual num determinado aspecto por uma força equivalente em outro aspecto, de maneira que é impossível dizer que um homem está por cima e que o outro está debaixo. (BAKUNIN, 2003, p. 76)

Não há como saber quais aptidões se mostrarão maiores e mais latentes e quais preferências terá o aluno em sua trajetória. Cabe ao professor assegurar a ele a liberdade necessária para desenvolver-se da forma mais completa possível segundo suas escolhas e inclinações.

### **Seção III**

Na terceira seção da obra, nosso autor deixa em segundo plano a discussão política para dedicar-se aos moldes sob os quais a educação integral deveria se desenvolver. Aqui ele dedica-se a organização didática dos módulos deste projeto educativo: o primeiro, que deveria abarcar os conhecimentos gerais necessários a todos os indivíduos; o segundo, mais específico, de ordem industrial ou prática, cuja especialidade seria escolhida pelos próprios

alunos num movimento de autonomia; e o terceiro, aquele de ordem moral, trazendo com veemência o conceito de liberdade como orientador dos seres humanos.

A discussão desta seção se inicia apontando como se deu a necessidade de uma instrução científica. As verdades religiosas e os devaneios metafísicos já tinham sido, àquela época, contestados pela corrente positivista, que trazia um olhar mais objetivo sobre o mundo tal qual se apresentava na realidade. Assim, cabia à educação prover um ensino condizente com este novo olhar sobre o mundo.

Bakunin aponta que não seria possível a uma pessoa especializar-se em todas as ciências, enquanto, por outro lado, todos deveriam possuir uma base geral que propiciasse uma especialização futura na área de interesse escolhida. Assim, a proposta da instrução integral dividir-se-ia em duas partes:

a parte geral, que proporcionará os principais elementos de todas as ciências sem exceção, assim como o conhecimento completo de seu conjunto, não um conhecimento superficial; e a parte especial, necessariamente dividida em vários grupos ou faculdades, que abarcarão todas as especialidades de certo número de ciências, as que – por sua própria natureza – sejam chamadas a se completarem. (BAKUNIN, 2003, P. 79)

Sendo a liberdade princípio chave deste ideal educativo, caberia aos alunos a escolha pela especialidade a ser aprofundada após o ensino geral, o que pode trazer à tona a dúvida quanto a assertividade desta escolha, ou seja, a reflexão consciente sobre aptidões, inclinações, que derivará a tomada de um caminho em detrimento de outros. Nosso autor não se esquiva deste risco e afirma que a fase geral da instrução, que deve ser obrigatória a todas as crianças, será a etapa destinada à educação do espírito “substituindo totalmente a metafísica e a teologia” (2003, p. 80) – e por isto uma educação voltada à autonomia – e que proporcionará às crianças uma elevação tal que, na adolescência possam, conscientemente optarem pelo caminho de estudos especializados que virá a seguir.

Bakunin reconhece que, mesmo com o cuidado em munir o adolescente dos meios intelectuais e espirituais para fazer uma escolha que mais se adeque a suas características e aptidões, haveria o risco de eventuais equívocos. Reforçando a defesa da educação de homens livres em primeiro lugar, a este risco ele opõe a ideia de que, qualquer escolha, certa ou errada, que provenha da liberdade, tem mais valor que qualquer outra que seja proveniente da autoridade alheia sobre o futuro dos indivíduos.

Se se equivocarem, o próprio erro que cometerem lhes servirá de ensino eficaz para o porvir, e a instrução geral que houverem recebido lhes servirá de luz, e facilmente poderão volver ao caminho que si própria natureza lhes indica.

Tanto as crianças como os homens maduros só se tornam sensatos com as suas próprias experiências, nunca com as demais. (2003, p. 81)

Até aqui identificamos aspectos do ensino científico, o qual destina-se à porção teórica e é dividido em duas partes: geral e específica. A ele se une e acontece paralelamente ao ensino prático, ou industrial, que vai capacitar para o desenvolvimento de um ofício, uma especialidade profissional. Este também será dividido em duas partes, novamente geral e específica, cronologicamente.

A primeira deve mostrar às crianças a organização industrial como um todo, o processo de produção completo, ou seja, como, na prática, são as atividades neste local - as técnicas, etc., num âmbito abrangente e mais superficial - de onde surge a necessidade da produção, qual a importância dela para a manutenção e progresso da sociedade, etc. Demonstrando como esta estrutura compõe o aspecto material da humanidade e dá sentido ao trabalho humano. Esta fase deve preparar o adolescente para a escolha por uma especialidade na fase seguinte.

A segunda, como no caso do ensino científico, vai aprofundar os conhecimentos na especialidade escolhida. No caso do ensino prático “farão as primeiras aprendizagens de trabalho sério sob a direção de seus professores”. (BAKUNIN, 2003, p. 82) Podemos apontar que seria uma espécie de estágio, uma iniciação ao mundo do trabalho, sob supervisão de um tutor, alguém de maior experiência. Este modelo vai permitir a aplicação do conhecimento na prática, dando vida a ele e, ao mesmo tempo, contará com os olhos ávidos do educador que orientará e fecundará este aprendizado, proporcionando uma formação séria e de qualidade.

Com a combinação descrita acima o aluno terá uma formação científica, ou seja, voltada ao pensar, planejar, projetar, e prática, sendo apto a realizar estes projetos e seguindo a linha do trabalhador pensante, aquela pessoa que é igualmente desenvolvida para a ciência e para o trabalho, mesmo porque estas instâncias nunca deveriam se distanciar. Repetindo o fragmento da seção 2 do livro, confirmamos o que pensa Bakunin sobre esta interdependência entre ciência e trabalho: “Disto se deduz que, no interesse do trabalho e da ciência, não deverão existir nem operários nem intelectuais, mas tão-somente homens.” (BAKUNIN, 2003, p. 70)

Para além da instrução intelectual e científica, há uma terceira instância que completará o programa de educação integral, a que Bakunin denomina, na página 82, de “o ensino prático”, que consistem em “uma série sucessiva de experiências de moral”. Esta fase engloba ensinamentos acerca da moral humana, em oposição a moral divina, e tem a máxima

da liberdade como princípio norteador e objetivo desta educação, ou seja, trata-se também de educar para a liberdade. “A educação das crianças, tomando como ponto de partida a autoridade, de sucessivamente resultar na mais completa liberdade” (BAKUNIN, 2003, p. 83)

Enquanto a moral divina, pregando respeito à autoridade e desprezo à humanidade, entende o trabalho como um castigo, como depreciativo, e nesta linha, privilegia aqueles que podem, por sua condição social, isentarem-se desta atividade inferior. Em oposição, Bakunin defende a moral humana, que rejeita a autoridade, valoriza o homem e o fruto de seu trabalho, reconhecendo a função deste último na formação do homem completo. A rejeição à autoridade direciona a discussão para o entendimento de Bakunin sobre o conceito de liberdade, que está intimamente ligado à educação. Ele afirma: “Entendemos por liberdade, do ponto de vista positivo, o pleno desenvolvimento de todas as faculdades que se encontram no homem” (BAKUNIN, 2003, P. 83) Assim, só é livre o homem completa e plenamente desenvolvido. E o desenvolvimento das capacidades humanas em Bakunin ocorre por meio da educação integral.

Retomando o cerne da discussão da 3ª seção do livro, nosso autor afirma que o homem não pode ser livre mediante as leis, que sejam naturais ou sociais. Aqui Bakunin deixa obscura a relação entre de necessidade destas leis para a vida em sociedade e a liberdade almejada para cada ser humano. Ao afirmar que o homem jamais seria livre diante das leis, ele nos leva a crer então que, sendo a liberdade o fim da educação integral, as leis deveriam ser repelidas.

Porém, mais adiante, ele afirma que tais leis “constituem a própria base e condição de qualquer existência, de maneira que nenhum ser vivo poderá se rebelar contra elas sem se suicidar” (BAKUNIN, 2003, p. 83), apontando-as como indispensáveis à vida social. Assim, na obra que está sendo analisada, não percebemos de forma clara qual seria a opinião conclusiva de Bakunin a respeito da existência ou não destas leis.

A seguir ele pontua que as leis são obedecidas cegamente devido à influência natural, mas que contra esta influência, não haveria combate frutífero, à medida que ela constitui a base das relações de solidariedade.

Assim pois, obediência involuntária e fatal a todas as leis, que, independentemente de toda a vontade humana, são a própria vida da natureza e da sociedade; mas independência, também, de cada um, tão absoluta quanto seja possível, frente a todas as vontades humanas, coletivas ou individuais que queiram impor sua lei, não uma influência natural.

Quanto à influência natural exercida pelos homens uns sobre os outros, ela é ainda uma destas condições da vida social contra as quais a rebeldia seria tão inútil como impossível. (BAKUNIN, 2003, P.84)

Bakunin explica que o homem poderia rebelar-se contra esta influência, mas estaria tão somente submetendo-se a outras, de outro grupo, pois estando em sociedade, fica sujeito a todo tipo de influência que, como vimos anteriormente, constituirão sua personalidade. Não sujeitar-se a nenhum tipo de influência seria isolar-se, o que implica na “morte intelectual, e também moral e material” (BAKUNIN, 2003, P. 84-85) Devemos lembrar aqui que Bakunin, seguindo as concepções anarquistas, não acredita na realização do homem fora da sociedade. Para ele, é no social que o homem desenvolve-se plena e completamente, ampliando sua liberdade na conjugação desta com a liberdade dos outros companheiros. Gallo nos auxilia na discussão sobre o conceito de liberdade para Bakunin.

Apropriando-se do conceito de liberdade proudhoniano<sup>10</sup>, Bakunin afirma que somente em sociedade é que a liberdade pode ser construída. Para o autor citado, ao longo da história o homem passou por momentos no qual seu comportamento era regido pela necessidade e pela sobrevivência. Os adventos da sociedade e da cultura tornaram o comportamento humano uma produção de grupo, na qual não mais as “fatalidades naturais” são os fatores determinantes, mas as decisões, princípios e acordos desenvolvidos e firmados em grupo e pelo grupo. É neste movimento que o homem se humaniza. Quanto mais se distancia das disposições instintivas da natureza (fome, medo, sobrevivência, etc.), em nome de produções de ordem social e cultural (família, lealdade, amizade, respeito, etc.) é que se distancia dos demais animais conquistando o estado de humanidade. (GALLO, 1995)

Para nosso autor, não há liberdade no isolamento, ou seja, a liberdade de um homem só se concretiza quando é afirmada pela liberdade de outro, e assim progressivamente. “o máximo de liberdade, como já havíamos visto com Proudhon, ocorre quando todos os indivíduos são livres, pois as liberdades completam-se, auxiliam-se.” (GALLO, 1995, p.24) E ainda: “minha liberdade pessoal assim confirmada pela liberdade de todos se estende ao infinito” (BAKUNIN apud GALLO, 1995, p.25)

Retomando a discussão sobre as influências, Bakunin deixa claro que, vivendo em sociedade, é impossível que o homem se isente de sofrer tal força. Estas influências “sociais dominantes, expressa pela consciência solidária ou geral de um grupo humano mais ou menos extenso” somadas, dão origem à opinião pública, que exerce poder sobre todos os indivíduos.

Bakunin conclui sua dissertação acerca das leis naturais e a influência natural sobre os homens afirmando que, se não há saída para os efeitos da opinião pública, para o sucesso de

---

<sup>10</sup> O Primeiro anarquista a dissertar sobre o conceito de liberdade foi Joseph Proudhon. Para ele, a liberdade é a síntese das forças da natureza e da espontaneidade, presentes em cada ser vivo. Quanto mais complexo se apresenta o ser vivo, maiores as forças da espontaneidade que agem sobre ele, sendo o homem a expressão de vida de maior complexidade. (GALLO, 1995)

qualquer mudança na moral dos indivíduos, é preciso que antes se modifique a moral de toda a sociedade. Sua atenção à importância de uma moral única que orientasse a sociedade fomenta a discussão da última parte de “A Instrução Integral” que analisaremos na seção a seguir.

#### **Seção IV**

Nesta última parte da obra, Bakunin retoma a discussão sobre a moral, tecendo uma crítica a moral divina e apontando a necessidade de transformação da sociedade para que a moral humana pudesse ser plenamente desenvolvida.

Bakunin repele o conceito do livre-arbítrio pois este direciona ao ser humano a culpa integral por suas virtudes e seus vícios. Como já vimos, este autor crê que o indivíduo é tão somente produto da sociedade que o criou, uma síntese das influências recebidas ao longo da vida, sem que haja saída pela qual possa esquivar-se destas influências.

Este destino fatal dá à sociedade a responsabilidade sobre a moral que guia os humanos que a compõem, sendo que, se não houver uma modificação radical nesta, os homens seguirão reproduzindo a mesma ordem de delitos e vícios que estão de acordo com esta moral. O autor afirma:

O socialismo, baseado na ciência positiva, repele totalmente a doutrina do livre-arbítrio. Reconhece que tudo que se chama de vícios e virtudes dos homens é, na realidade, produto da ação combinada da natureza, na sociedade propriamente dita. A natureza, enquanto ação etnológica, fisiológica e patológica, cria as faculdades e disposições que se chamam naturais e a organização social as desenvolve, detém ou adultera o seu crescimento. Todos os indivíduos são, sem exceção, são – em qualquer momento de sua vida – o que a natureza e a sociedade fizeram ser. (BAKUNIN, 2003, p.85-86)

Bakunin acredita que moral divina está ligada a escravidão dos homens, seja material, seja intelectualmente. Este pensamento não permite a investigação da natureza e da realidade pois todos os fenômenos, naturais ou sociais estão atrelados à providência divina. Por este motivo, uma sociedade pautada nesta moral não daria espaço ao desenvolvimento da ciência humana:

A providência divina torna impossível toda a ciência, o que quer dizer que ela é simplesmente a negação da razão humana, ou ainda, que para reconhece-la é preciso que cada um de nós renuncie a seu bom senso. A partir do momento em que o mundo é governado pela vontade divina, não é necessário buscar a coordenação natural dos fatos, mas sim, uma série de manifestações desta vontade suprema cujos desígnios, como dizem as sagradas escrituras, devem permanecer sempre impenetráveis para a razão humana, sob pena de perderem seu caráter divino. (BAKUNIN, 2003, p. 89)

Posta a crítica à moral divina e identificada a necessidade de superação desta moral em âmbito social não seria possível uma mudança na moral dos indivíduos, Bakunin direciona seu discurso a moral das pessoas. Ele afirma que ser moral equivale a ser completo e que, para isto, são necessários:

um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação baseada no respeito ao trabalho, à razão, à igualdade e à liberdade, e um meio social onde cada indivíduo goze sua plena liberdade e seja realmente, de fato e de direito, igual aos demais. (BAKUNIN, 2003, p. 91)

Aqui vemos a conclusão dos artigos que mostram uma postura madura de nosso autor sobre o tema da instrução integral. A seção IV representa uma síntese dos 3 artigos/cartas anteriores, e apresenta as ideias de forma coesa e reflexiva sobre a realidade em relação às propostas deste projeto educativo. Nesta divisão do livro Bakunin reconhece as dificuldades que se interpõem à instauração de tal modelo em sua sociedade ou em qualquer outra dominada pelo Estado e dividida em classes e estabelece as razões pelas quais deve-se buscar alcançá-la.

Assim, mesmo que se pensasse na instalação de um projeto de educação integral, este teria seus objetivos sucumbidos mediante as forças opressoras da sociedade que divide o trabalho e as pessoas. Ademais, os pais e professores envolvidos neste processo educativo já estariam desmoralizados por serem produto de tal sociedade, como afirma nosso autor: “Os instrutores, os professores, os pais, todos são membros desta sociedade e estão mais ou menos embrutecidos e desmoralizados por ela. Como é que iriam dar aos alunos aquilo que a eles mesmo falta?!” (BAKUNIN, 2003, p. 92)

Além desta dificuldade que se coloca no princípio e no centro do processo educativo, Bakunin destaca ainda, conforme já havia citado nas demais seções do livro, que não cabe na mentalidade dos burgueses que seus filhos se tornem trabalhadores braçais, assim como, por outro lado, os operários não possuem meios para instruir seus filhos pela ciência: “Mas a educação integral nesta sociedade é igualmente impossível: os burgueses não compreendem que seus filhos se tornem trabalhadores, e os trabalhadores estão privados de todos os meios para dar a seus filhos uma instrução científica” (BAKUNIN, 2003, p. 92)

Deve-se destacar ao que já falamos sobre os trabalhadores serem responsáveis por toda a produção material da sociedade. Isto, atrelado à uma concepção de exploração da mão de obra, origina a realidade que Bakunin aponta como restritiva para a instrução destas pessoas:

Vocês deixam que o povo se esgote com o seu trabalho cotidiano e em sua pobreza e então dizem ao povo: “Instruam-se!” Gostaríamos de ver como vocês instruem o povo e seus filhos depois de 13, 14 ou 16 horas de trabalho embrutecedor, com a miséria e a incerteza do amanhã como única recompensa. (BAKUNIN, 2003, p. 93)

Se os Socialistas Burgueses, alvos das críticas de nosso autor, afirmam que a instrução precede a emancipação, Bakunin volta a defender “que primeiro se emancipe e se instrua por si mesmo” (2003, p. 94) sob a ótica de que, sendo os educadores fruto de uma sociedade desigual, não estariam aptos a praticar uma educação libertadora, igualitária e integral, por outro lado reforçando as desigualdades e a ignorância do povo.

Por fim, Bakunin reafirma a questão da emancipação econômica como mãe das demais. Apesar de dar à instrução um lugar especial no processo emancipatório dos homens, o autor reconhece que sem a emancipação econômica e as transformações prévias já sinalizadas o projeto de educação integral seria repellido e esmagado pelos moldes sociais de sua época e de outra que funcionasse sob governo do Estado e organizada em classes.

Não senhores, apesar de nosso grande respeito pela importante questão da educação integral, declaramos que não é isto o mais importante para os povos. Em primeiro lugar está sua emancipação política, que engendra necessariamente sua emancipação econômica e, mais tarde, sua emancipação intelectual e moral.

## **EDUCAÇÃO E/OU INSTRUÇÃO?**

No livro “A Instrução Integral”, de Bakunin, encontramos diversas vezes o termo *educação*, intercalado com aparições do termo *instrução*. O uso destes termos é tão frequente e tão próximo que nos leva a pergunta: Haveria, para Bakunin, uma distinção entre os termos “Educação” e “Instrução”? Esta pergunta se interpôs aos estudos sobre do livro citado, e se tornou um objeto de investigação paralela, com o objetivo de clarificar o que estes termos estariam expressando nos escritos do autor, e qual o impacto de seus significados em suas ideias.

Na busca por orientação acerca desta questão, encontramos em Barrué (2003) uma ampliação do questionamento: “convém precisar, de início, o sentido desses termos às vezes empregados um pouco ao acaso: educação, instrução, ensino, pedagogia”. Assim, este autor concorda que há, em cada um dos termos, um significado específico, e que tal distinção será importante para o prosseguimento dos estudos. Barrué afirma:

A educação é a ação de formar, de criar uma criança, um jovem. Ela se dirige simultaneamente ao corpo, ao espírito e ao coração, e tende a desenvolver as faculdades físicas, intelectuais, e morais: conforme veremos é bem assim que Bakunin a compreende. A instrução é relativa ao espírito e,

evidentemente, a conhecimentos que se adquire. Ensinar e instruir têm sentidos muito próximos: entretanto, ensinar – no oposto de instruir – concerne mais aos meios que ao resultado, e todo ensino supõe, então, uma arte de ensinar, métodos, uma pedagogia. (2003, p. 11, 12)

Assim este autor concebe educação como um grande grupo, no qual estão contidos os demais termos, como instâncias. A instrução concerne à aquisição de conhecimentos – já vimos que em Bakunin esta parte se dirige ao conhecimento científico e industrial, em teoria e prática - com uma finalidade; o ensino é a própria prática do docente, o dia a dia, os meios pelos quais os conhecimentos são transmitidos, enquanto a pedagogia é o método que orienta estes meios.

Consideramos de maior importância, no que tange à obra *A Instrução Integral*, a diferenciação entre os termos *educação* e *instrução*, por aparecerem com mais frequência que os outros dois destacados por Barrué e, por outro lado, por não termos identificado confusões semânticas em torno dos termos *pedagogia* e *ensino*. Tentaremos então, estabelecer as diferenças entre os significados de *Educação* e *Instrução* para Bakunin.

Concordamos com o entendimento de Barrué, segundo o qual a educação seria uma categoria abrangente, que abarcaria as esferas: física, moral e intelectual, enquanto a instrução está ligada à parte intelectual contida na educação. Assim estabelecemos inicialmente que a instrução está ligada às coisas do espírito, ao saber intelectual, enquanto educação seria um campo maior, no qual se insere a instrução.

De fato, Bakunin afirma que a educação está ligada a toda a esfera de criação da criança, desde os exemplos em casa e no convívio social, passando pela alimentação e questões físicas e a instrução, o que corrobora a afirmação que fizemos acima.

Considerando a educação no sentido mais amplo desse termo, nele compreendendo não apenas a instrução e as lições de moral, mas ainda e sobretudo os exemplos que dão a criança todas as pessoas que a cercam; a influência de tudo o que ela ouve, do que ela vê; e não somente a cultura de seu espírito, mas ainda o desenvolvimento de seu corpo pela alimentação, pela higiene, pelo exercício de seus membros e de sua força física (...) (BAKUNIN apud BARRUÉ, 2003)

Silvio Gallo, em sua obra “Pedagogia do Risco”, nos traz a seguinte afirmação bakuniana:

(...)Mas o que é que constitui o fundamento real e a condição positiva da liberdade? É o desenvolvimento integral e o pleno gozo de todas as faculdades corporais, intelectuais e morais para cada um. Por consequência, são todos os meios materiais necessários à existência humana de cada um; são ademais a educação e a instrução.

Nela encontramos os termos educação e instrução separados pelo conectivo “e”, que indica adição e nos leva a seguir acreditando que este autor – Bakunin - utiliza estes termos de

forma independente, ou seja, que cada um possui seu próprio significado. Gallo acrescenta à citação acima o seguinte comentário:

Afirma ele, que a educação e a instrução são de fundamental importância para a conquista da liberdade, pois é através da educação – seja aquela institucional, realizada nas escolas, seja aquela informal, realizada pela família e pela sociedade como um todo – que as pessoas entram em contato com toda a cultura produzida pela sociedade como um todo. (GALLO, 1995, p.27)

No comentário, apesar de utilizar, assim como Bakunin, o conectivo aditivo “e”, separando os termos educação e instrução, Gallo não aprofunda a discussão sobre o segundo, atendo-se a conceituar somente o que seria a educação. Suspeitamos que este autor tenha se referido à instrução como um tipo de educação: “aquela institucional, realizada nas escolas”, enquanto haveria outra educação: “aquela informal, realizada pela família”. Desta forma, estaria coerente com a afirmação que fizemos anteriormente, de que a educação seria um campo mais amplo, concernente a toda a vida do indivíduo, na qual estaria presente a instrução (uma educação intelectual) e outros fatores de formação (família, sociedade, etc.) Este e outros fragmentos encontrados no livro estudado nos levam a este entendimento sobre estes conceitos.

Este entendimento conversa com a crença de Bakunin de que a carência do povo era da ordem da instrução, ou seja, do ensino teórico, do aparato intelectual que emancipa os homens. Para ele a razão da divisão de classes, da desigualdade econômica e da opressão de uma classe sobre outra estava estritamente ligada à diferença de instrução destas classes. Por outro lado, a instrução só faria sentido num contexto de educação moral, na qual as crianças e adolescentes poderiam aprender sobre a humanidade, a solidariedade e a liberdade. A união da instrução integral e da educação moral, conjugadas a um ambiente social transformado e posterior a uma emancipação econômica, dariam origem a educação integral.

Um primeiro contato com o livro estudado traria a dúvida de se, para Bakunin, a Instrução Integral daria conta de todo o projeto educativo, mas vemos ao longo do mesmo que, dentro de um projeto educativo integral - que abrange a educação moral, a instrução científica geral e a industrial ou prática - haveria uma necessidade latente de investimento na instrução dos trabalhadores, especificamente. Esta necessidade levaria ao alcance pleno da liberdade pela compreensão do meio e da realidade em que se encontram. Ou, nas palavras do autor:

Não é evidente que entre dois homens dotados de uma inteligência natural mais ou menos igual, aquele que for mais instruído, cujo conhecimento se tenha ampliado pela ciência e, que compreendendo melhor o encadeamento

dos fatos naturais e sociais, ou o que se denomina de leis da natureza e da sociedade, compreenderá com mais facilidade e mais amplamente o caráter do meio em que se encontra, se sentirá mais livre, será praticamente tão hábil e forte como o outro?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar Bakunin é entrar em contato com a realidade dos trabalhadores e de suas lutas, sentir todo o drama e a urgência de suas necessidades e anseios através de uma escrita cheia de sentimento e de radicalismo. Sua obra é bastante fragmentada e não obedece a uma estrutura linear, o que o afasta dos padrões acadêmicos mais prestigiados, gerando críticas a suas ideias. “É claro que, em parte, a falta de compreensão da totalidade do pensamento de Bakunin se deve a dois fatores de caráter intrínseco aos seus escritos: a fragmentação de sua obra e a complexidade de seu pensamento”. (s.a., 2005, p. 3)

A instrução Integral é um exemplo claro desta fragmentação e de suas consequências, pois, apesar de ser um texto de pouco mais que 30 páginas, foi originado de 4 artigos de um periódico, que, por terem sido publicações independentes trazem algumas repetições de ideias no sentido de retoma-las para ampliar a discussão. Além disto, o texto como um todo traz muitas discussões inacabadas, o que desfoca o leitor, dificultando a relação destas pequenas discussões com a temática geral da obra. A fertilidade do pensamento deste autor faz da obra fonte de intermináveis questionamentos e discussões mas a construção é tortuosa, e não linear, o que exige um olhar atento e algumas retomadas, voltando no texto, para acompanhar seu pensamento.

Para além das questões formais da escrita, podemos extrair muito do pensamento de Bakunin a partir da leitura desta obra, mais especificamente, os eixos de uma proposta de educação integral.

Em atenção aos objetivos propostos no início deste trabalho, convém, após a exposição que foi feita de forma geral sobre os enfoques de cada seção do livro, relatar de maneira mais objetiva os aspectos percebidos na obra e que podem elucidar o pensamento de Bakunin neste recorte de sua trajetória.

Vimos que este autor identificou a necessidade de uma instrução que integral ao perceber que a diferença de instrução produzia todas as outras desigualdades. Esta instrução estaria inserida num projeto educativo libertário mais amplo e, como indica Martins (2009), pautado na igualdade, liberdade, racionalidade científica e educação moral.

A implantação deste projeto está estritamente ligada a uma mudança na sociedade como um todo. No aspecto econômico, no que tange emancipação da massa trabalhadora e, no

campo da moral, no que diz respeito a uma superação da moral divina na direção da uma moral humana, sem privilégios. Assim, a revolução é uma das etapas para consolidação deste modelo. O objetivo deste modelo é “o desenvolvimento integral e o pleno gozo de todas as faculdades corporais, intelectuais e morais para cada um” (BAKUNIN, *apud* GALLO, 1995, p. 26)

Não encontramos em *A Instrução Integral* referências claras quanto à formação do corpo, mas Bakunin divide o projeto educativo em três etapas: de conhecimento geral, de ensino industrial e de educação moral. Estas etapas estimularão a diversidade como parte da solidariedade, pois as aptidões e habilidades complementam-se, ampliando seu alcance.

Em alguns momentos não fica claro se a educação integral é um projeto pré ou pós revolução. Da mesma forma que Bakunin aponta que a instalação deste modelo depende de mudanças significativas, em outros momentos aponta a educação como uma via para a revolução. Assim, entendemos que num primeiro momento, ainda que não alcançando os moldes propostos para o projeto de educação integral, a educação como for desenvolvida, segundo as possibilidades conjunturais, deve estimular a revolução, que propiciará aquele projeto.

Bakunin traz uma perspectiva sobre a realidade da classe trabalhadora no século XIX, propõe mudanças e traça objetivos. Ele se dedica à revolução na prática e no papel, e, apesar de não obedecer uma linearidade de pensamento, ele explora diversos problemas sociais de sua época, multiplicando o alcance de sua obra e trazendo o cotidiano de forma latente em suas reflexões. Esta proximidade com a luta, com a vida dos trabalhadores, confere a sua obra veracidade e paixão, esta última um componente fundamental na vida deste autor.

Mas é necessário considerar que para promover a ação revolucionária entre as massas é necessário possuir uma grande paixão, condição indispensável para promover e libertar o homem e toda sua força. Mas a paixão não é obtida “nem com a consciência do dever absoluto, nem com um sistema de controle exterior feito de mistificação e coerção” Ela provém da vida e forma-se com ação conjunta do pensamento e da própria vida. Essa paixão é, para Bakunin, a base de tudo. (CODELLO, 2007, p. 122-123)

São princípios centrais da educação e de sua ação como um todo: a luta apaixonada pela liberdade e pela igualdade, sobre um aparato de instrução que torne esta luta sólida e fértil, uma moral humana pautada na diversidade como indício de solidariedade e no trabalho como um dos princípios de organização dos homens em sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. Ed. – rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.

BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral**. São Paulo: Imaginário, 2003.

COELHO, Lígia Martha. **Educação Integral: Concepções e práticas na educação fundamental**. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13/t137.pdf> <Acesso em 06/01/2013>

CODELLO, Francesco. **A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil: Volume 1**. São Paulo, Imaginário : Ícone, 2007.

CORREA, Felipe. **Mikhail Bakunin e o Anarquismo**. Disponível em <http://www.anarkismo.net/article/17395>. Acesso em 08/12/2012.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Trabalho E Ação: O debate entre Bakunin e Marx e sua contribuição para uma sociologia crítica contemporânea** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/46835081/Trabalho-e-acao-O-debate-entre-Bakunin-e-Marx-e-sua-contribuicao-para-uma-sociologia-critica-conteporanea> Acesso em 11/07/2013

GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Imaginário. 1989

MARTINS, Angela M. S. **A pedagogia libertária e a educação Integral**. VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas – História, Sociedade e Educação no Brasil: história, educação e transformação: tendências e perspectivas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 30 de junho a 03 de julho de 2009. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/trabalhos.html) Acesso em: 08/12/2012.

ROBIN, Paulo. **Manifiesto a los partidarios de la Educacion Integral**; um antecedente de la Escuela Moderna. Barcelona: Pequena Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1981.

ROMANI, Carlo. **Entre Marx a Bakunin: Caminhos e descaminhos da AIT, a Associação Internacional dos Trabalhadores**. Disponível em [http://www.historiaunirio.com.br/numem/pesquisadores/carloromani/?c=download\\_biblio&arq=MTcw](http://www.historiaunirio.com.br/numem/pesquisadores/carloromani/?c=download_biblio&arq=MTcw). Acesso em 09/07/2013

Sem Autor. **O Bakuninismo: Anarquismo Coletivista**. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/22741378/O-Bakuninismo-Anarquismo-Coletivista> Acesso em 22/07/2013